

Moradores revoltados com ação

A cabeleireira Vera (não quis dar o nome completo) era puro desespero, ontem, durante o protesto. Revoltada com a ação da Polícia Militar, "que derrubou o barraco da minha vizinha que está aqui há mais de quatro meses", ela repetia várias vezes que no "governo Cristovam não há justiça".

Vera estava indignada com as declarações do deputado federal Chico Vigilante (PT), "que foi ao rádio dizer que os invasores da Estrutural são todos vagabundos". Com duas filhas adolescentes para sustentar e uma renda mensal que não chega a R\$ 250, Vera está há três meses na invasão. "Tive que escolher entre pagar aluguel ou comprar comida", explica.

Desde 1969 em Brasília, a cabeleireira desafiou, com dedo em riste, o coronel Paulo César Alves durante toda a manifestação. "Ele não deixa entrar aqui nem um colchão. A gente tem que dormir no chão", acusa exaltada.

"Eu fico" — Quem também chamava a atenção durante a manifestação era o garoto Carlos da Silva, nove anos. Apesar da ordem dos policiais para que ele saísse do "pelotão" de frente da manifestação, ele permanecia no protesto. "Eu fico. Daqui eu não saio", desafiava. O pai, "que tem mais de 60 anos e é doente", não pôde participar do manifesto, "mas eu vim para representar ele".